**A MODA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO: um estudo das narrativas das estudantes de pedagogia**

LA MODA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMACIÓN: un estudio de las narrativas de las estudiantes de pedagogía escolar

FASHION AS A TRANSFORMATION INSTRUMENT: a study of the narratives of school pedagogy students

Wany Júlia Gualberto da Costa[[1]](#footnote-1)

<https://orcid.org/0000-0001-7631-4987>

Maria Sandra Montenegro Silva Leão[[2]](#footnote-2)

<https://orcid.org/0000-0002-4950-0837>

**Resumo**

Este artigo traz uma reflexão acerca da moda enquanto um mecanismo legitimador da identidade e do posicionamento político das estudantes do curso de Pedagogia do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Pernambuco, *campus* Recife. As imagens de moda e as vestimentas são comumente utilizadas para construir padrões e estão arraigadas às demais instituições sociais. Contudo, elas também podem ser utilizadas como instrumentos de subversão de paradigmas. Assim sendo, o objetivo da pesquisa busca compreender como a estudante de Pedagogia articula o ato de se vestir e a forma como consome moda com a sua identidade, bem como sua visão de mundo e seus princípios políticos. Para fortalecer a discussão, na fundamentação teórica da pesquisa foram utilizados alguns autores que trazem contribuições a respeito do universo da moda, como, por exemplo, Barreto e Silva (2015); Braga, Magalhães e Schemes (2018); Maia (2019); Mesquita (2004). Essas leituras permaneceram entremeadas por outras que não são necessariamente ligadas ao universo das imagens e das representações por meio da vestimenta, como, por exemplo, Hall (2006); hooks (2013); Louro (2003); Nascimento (2021). Para a etapa metodológica vigorou a pesquisa qualitativa conforme preconiza Minayo (2002). Foram realizadas entrevistas com cinco (5) estudantes que estão cursando os últimos períodos da graduação. Foi escolhida a análise hermenêutica-dialética proposta por Minayo (1992). Os resultados obtidos revelaramdados de suma importância a respeito das mudanças nas concepções do vestir das participantes.

**Palavras-chave:** Moda. Relações político-identitárias. Pedagogia.

**Resumen**

Este artículo reflexiona sobre la moda como mecanismo de legitimación de la identidad y el posicionamiento político de los estudiantes del curso de Pedagogía del Centro de Educación (CE) de la Universidad Federal de Pernambuco, campus Recife. Las imágenes de moda y la ropa se usan comúnmente para construir patrones y están arraigadas en otras instituciones sociales. Sin embargo, también pueden ser utilizados como herramientas para subvertir paradigmas. Por lo tanto, el objetivo de la investigación busca comprender cómo la estudiante de Pedagogía articula el acto de vestir y la forma en que consume moda con su identidad, así como su cosmovisión y sus principios políticos. Para fortalecer la discusión, en la fundamentación teórica de la investigación, se utilizaron algunos autores que traen contribuciones sobre el universo de la moda, como, por ejemplo, Barreto y Silva (2015); Braga, Magalhães y Schemes (2018); Maia (2019); Mesquita (2004). Estas lecturas quedaron intercaladas con otras que no necesariamente se vinculan con el universo de las imágenes y representaciones a través de la indumentaria, como, por ejemplo, Hall (2006); hooks (2013); Louro (2003); Nascimento (2021). Para la etapa metodológica prevaleció la investigación cualitativa de Minayo (2002). Se realizaron entrevistas a cinco (5) estudiantes que cursan los últimos periodos de graduación. Se optó por el análisis hermenéutico-dialéctico propuesto por Minayo (1992). Los resultados obtenidos revelaron datos sumamente importantes en cuanto a cambios en las concepciones de vestir de los participantes.

**Palabras clave:** Moda. Relaciones político-identitarias. Pedagogía.

**Abstract**

This article reflects on fashion as a legitimizing mechanism for the identity and political positioning of students in the Pedagogy course at the Education Center (CE) of the Federal University of Pernambuco, Recife campus. Fashion images and clothing are commonly used to build patterns and are rooted in other social institutions. However, they can also be used as tools to subvert paradigms. Therefore, the objective of the research seeks to understand how the Pedagogy student articulates the act of dressing and the way she consumes fashion with her identity, as well as her worldview and her political principles. To strengthen the discussion, in the theoretical foundation of the research, some authors who bring contributions regarding the fashion universe were used, such as, for example, Barreto and Silva (2015); Braga, Magalhães and Schemes (2018); Maia (2019); Mesquita (2004). These readings remained interspersed with others that are not necessarily linked to the universe of images and representations through clothing, such as, for example, Hall (2006); hooks (2013); Louro (2003); Nascimento (2021). For the methodological stage, the qualitative research Minayo (2002) prevailed. Interviews were conducted with five (5) students who are attending the last periods of graduation. The hermeneutic-dialectical analysis proposed by Minayo (1992) was chosen. The results obtained revealed extremely important data regarding changes in the participants' conceptions of dressing.

**Keywords:** Fashion. Political-identity relations. Pedagogy.

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho de pesquisa não tem a intenção de propor regras para o vestir, mas discutir a relação entre moda, identidade e formação política. Aqui, a política é entendida enquanto formação de uma cidadania democrática e participativa, já a moda é resumida por Cidreira (2005) como a maneira de ser, estar e de se vestir. Até os dias atuais são estabelecidas normas a respeito do que vestir e de como usar adereços, cores e estampas; Conforme Mesquita (2004) e Mota (2008), o consumo de moda está articulado às instâncias sociais, às oscilações do mercado e às mídias, que tratam de vender a sua concepção do *look* ideal. Mas, afinal, como se apropriar positivamente da moda, sabendo que esta foi uma das responsáveis por criar e difundir paradigmas?

Esta resposta é desenhada dia após dia e depende de inúmeros fatores. Assim, não há como falar de moda sem falar da identidade, a qual é apresentada por Hall (2006) como uma construção em aberto, alvo de consonâncias e dissonâncias. A identidade não é pura em si mesma. Entremeia a cultura e desafia a ideia de neutralidade em qualquer âmbito, como apontam Barreto e Silva (2015). Portanto, não se trata apenas de se vestir para ser **descolada**, mas se vestir com um propósito. Inclusive, o propósito de legitimar o *self* e as intencionalidades de sua crença política, sintetizadas numa produção imagética. É através dela que são promovidos direitos individuais e movimentos sociais. Barreto e Silva (2015, p. 47) nomeiam as produções imagéticas como narrativas da aparência e discorrem sobre a sua relevância:

As narrativas da aparência são a visibilidade de um corpo tornada legível. Os padrões de beleza, nesse caso, são a normatividade imposta ao corpo de uma pessoa, eles representam a uniformidade, através da repetição que busca submeter os corpos a um regime de controle, que tem menos a ver com o que é considerado belo do que com o que é considerado aceitável. Se uma mulher negra se recusa a alisar os cabelos, sua recusa implica numa outra significação, seu corpo é investido de outro sentido, que não só a recusa aos padrões, mas uma afirmação daquilo que foge ao padrão, como o reconhecimento de sua ancestralidade, por exemplo. Por isso a aparência propõe uma narrativa a situar este ou aquele corpo na sua relação com outros corpos, semelhantes ou diferentes, no bojo da cultura e da história.

Para entender como acontece o desenrolar dessa relação e os frutos que ela pode dar, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, os objetivos específicos desta pesquisa visam: conhecer o que essas estudantes de Pedagogia pensam sobre moda e

como expressam suas identidades através dela; verificar se foram ou ainda são influenciadas por padrões impostos pela sociedade; compreender se estas observam os acontecimentos da sua vida, como, por exemplo, o ingresso e a permanência no espaço universitário foram/são importantes ou não para alteração dessas influências; investigar as perspectivas políticas presentes no uso de roupas, acessórios, estilos de cabelos e outros elementos que colaboram para a constituição da sua imagem.

Além disso, o material busca evidenciar o local que serviu para definir o principal critério de participação na pesquisa: ser estudante do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, especificamente no Centro de Educação (CE), do *campus* Recife. Afinal, desconstrução é uma palavra que costuma ser vertiginosamente utilizada no espaço universitário, que também passa por um momento de desconstruir sua gênese através das ações afirmativas, conforme Racoski e Silva (2020).

O critério de participação neste projeto, serve para problematizar paradigmas que afetam a constituição do Curso de Pedagogia no Brasil, assunto debatido por Louro (2003). Assim sendo, o princípio que fundamenta a presença das universitárias na pesquisa é sinalizar a potência das diversas manifestações por uma sociedade mais justa daquelas que correspondem ao futuro e ao presente da Educação brasileira.

Por fim, em tempos de incertezas, diante do atual momento político brasileiro, é preciso demonstrar os instrumentos políticos que validem a democracia. E por que não falar de moda? Por que não falar das estudantes de Pedagogia? Por que a moda não teria a ver com a representação política e com seu legado para a Educação? Ao longo do artigo estas questões serão respondidas.

**1 A MODA: ENTRE AS INSTITUIÇÕES SOCIAIS E A CONSTRUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES**

Nas vivências cotidianas surgem inúmeros questionamentos oriundos da relação

dos indivíduos com a moda. “Com que roupa eu vou?” e “qual será o *look* do dia?” são apenas algumas das perguntas corriqueiras. Por vezes, não é dada a relevância necessária à ação de pensar no que vestir e ao ato de se vestir. Entretanto, é necessário **ouvir a voz** das roupas e da moda, como afirmam Braga, Magalhães e Schemes (2018, p. 157): “A

moda não apenas veste, mas fala, afirma e contesta. Moda e corpo são ferramentas de ação”. É fundamental entender o que ela tem a dizer a respeito de si mesma, quais as mensagens são possíveis de serem transmitidas através dela e os recados de terceiros e da sociedade que ela transmite.

Ao contrário do que muitos acadêmicos pensam, constituir um diálogo com a moda não cai no campo das futilidades, pois é uma conversa que trata a respeito das tramas dos fios que formam o entendimento do que é tornar-se mulher. Segundo os apontamentos de Louro (2003), Louro (2008), de Nascimento (2021), o gênero não é dado, estabelecido no nascimento ou simplesmente definido pelos órgãos genitais. A identidade de gênero, não é precisamente um sinônimo das teorias postuladas por Stuart Hall, que também constam neste artigo. A identidade de gênero é uma identificação pessoal que parte do sentir, do vivenciar. Trata-se de um reconhecimento individual, intrinsecamente ligado à cultura e às relações sociais. Louro (2008, p. 18) aborda elementos que interpelam a construção dos gêneros e das sexualidades:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida

de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família,

escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. Por muito tempo, suas orientações e ensinamentos pareceram absolutos, quase soberanos.

A forma como as vivências ocorrem nos âmbitos dessas instituições anteriormente citadas pela autora, bem como os seus respectivos efeitos, são dotados de singularidade. Portanto, a vida cotidiana abre um leque para diferentes associações, observadas como forças que originam subjetividades que deságuam na moda e nas vestimentas, conforme os apontamentos de Barreto e Silva (2015) e de Mesquita (2004, p. 15), que argumenta:

Os modos de se vestir, se adornar, de interferir sobre os corpos, são elementos que compõem com os outros vetores, os quais produzem os modos de ser, os modos de relação a si: as subjetividades. A subjetividade varia seus modelos dominantes, a partir da oscilação das forças que estão compondo e recompondo seus contornos. A Moda estetiza e apresenta muitos desses elementos interligados: moral, tecnologia, arte, religião, cultura, ciência, economia, natureza e etc.

Além de considerar as subjetividades, faz-se necessário pensar a moda de acordo com os múltiplos contextos interseccionais, como apontam Barreto e Silva (2015). Outras autoras que são parte da fundamentação teórica deste artigo, como, Nascimento (2021), também enfatiza as diversas possibilidades de resistência que habitam nas interseccionalidades. Desta forma, evidencia a importância de compreender os privilégios e os diferentes desafios que perpassam as lutas e os lugares de fala de movimentos movimentos transfeministas e feministas, que segundo a autora representam politicamente causas que se aliam por uma sociedade plural.

E, tendo em vista, o reconhecimento das mais variadas militâncias e interseccionalidades possíveis e que são contempladas no cerne do referencial teórico deste projeto de pesquisa, Louro (2003) empreende reflexões sobre as sexualidades. A autora investe na desconstrução da soberania da heteronormatividade. Já bell hooks (2013), por exemplo, apresenta uma perspectiva centrada no Feminismo Negro e problematiza as relações étnicos-raciais. Logo, não há como meditar a respeito da subjetividade e da moda no cerne das instituições sociais sem abordar a negritude, principalmente em tempos nos quais fica evidente que o simples ato de respirar também é político.

Sobretudo em um país como o Brasil, já que, de acordo com a Pnad Contínua, reali-

lizada pelo IBGE (2019), 56,10% da população brasileira se autodeclara negra. Esta parcela, apesar de estar em maior número, não possui as mesmas oportunidades que os indivíduos brancos e ocupam a liderança nos índices de mortalidade, de população carcerária, do desemprego, entre outros, conforme ressaltado por Braga, Magalhães e Schemes (2018).

Inclusive, ao traçarem algumas considerações a respeito da consolidação dos movimentos feministas negros no Brasil, e também acerca da urgência do diálogo sobre a interseccionalidade, as autoras Braga Magalhães e Schemes (2018) evidenciam que, infelizmente, a indústria da Moda também serviu para perpetuar ideias racistas e se constituiu como mais um âmbito de segregação para mulheres negras, já que fornecia e ainda fornece imagens de moda que preconizam a sua inferiorização.

Vale ressaltar que a imagem de moda envolve não só a vestimenta, portanto, abarca toda uma configuração estética do corpo. À vista disso, a moda está circunscrita à cultura, como apontam Barreto e Silva (2015). Esta última não deve ser compreendida como um processo civilizatório. Maia (2019), ao debater a rejeição de elementos caros à cultura negra, que também afetou o universo do vestuário e dos ornamentos, aborda a importância do consumo de produtos voltados à exaltação das raízes afro-brasileiras, elementos poderosos a favor da representatividade e da negritude.

**2 MODA: UM ASPECTO POLÍTICO-IDENTITÁRIO DO CORPO**

Diante de estereótipos e dos padrões erguidos por intermédio das instituições e das relações sociais, levando em conta a aceitação e o acolhimento das diversas narrativas , a identidade é um fator determinante para estreitar uma relação com a moda. De acordo com Fashion Revolution (2019), “Vestir é mostrar no que acreditamos”. Para tanto, são necessárias ponderações que busquem conectar a moda com perspectivas identitárias e com a postura política que um corpo pode exibir.

Neste sentido, o conceito de identidade que fornece subsídio para esse vínculo é o definido pelo sociólogo Stuart Hall (2006, p. 12-13):

A identidade torna - se uma ‘celebração móvel’: Formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall,1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes

em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Assim, o indivíduo se constrói e se desconstrói de acordo com suas identificações. Ainda que elas não sejam permanentes, o caráter visceral da identificação é imensurável e o fato de ser contraditória e não sistêmica não quer dizer que seja frívola ou trivial. Para Stuart Hall (2006), a identidade surge da impossibilidade da definição total de si próprio, integrada à realidade que o circunda e às relações com terceiros que nela são estabelecidas.

A *priori*, o vínculo entre identidade e moda é criado a partir da ideia de que modificações internas serão demonstradas externamente, através das roupas ou do estilo. No entanto, Mota (2008), ao promover a articulação do conceito de identidade postulado por Hall com a moda, o corpo, a roupa e a aparência na contemporaneidade, defende a coexistência de diversos “eus” em múltiplas identidades e pontua que esse não é um processo linear e pode não simbolizar a ruptura total com o passado.

Para vestir o que se acredita é necessário a legitimação da identidade ou das identidades, **dos eus**. Essa **virada** acontece quando a moda é apresentada como uma linguagem que expressa perspectivas político-ideológicas, um fenômeno defendido por autores(as) como Barreto e Silva (2015); Braga, Magalhães e Schemes (2018) e Maia (2019). E que pode vir a ser facilitado de acordo com as alterações experienciadas ao longo da vida.

Todavia, é imprescindível a postura de reflexividade sobre a própria trajetória e a percepção de si mesma como parte das mudanças. Por si só, a tomada de consciência do corpo é um movimento político. E, assim como a criação de padrões, depende de inúmeros fatores, emerge de locais variados e envolve diferentes grupos sociais. São Histórias que podem ser mostradas todos os dias por meio do vestir. Para Mesquita (2004, p. 25), “O vestuário foi o campo que traduziu de forma mais espetacular as variações estéticas — e por isso associamos a palavra Moda, principalmente às formas do vestir, calçar, pentear, etc”. Assim sendo, as roupas, os acessórios e as transformações capilares são colocadas como pontos de destaque neste artigo.

Através da politização esses corpos adquirem um novo significado e o vestir ganha

um viés provocativo, não somente pelo intuito de ser visto, mas por provocar reflexões. Serve para educar ou *deseducar*. Originam o debate entre o que é valorizado ou inferiorizado, o que atravessa o campo do estranhamento ou o que se dilui na normalidade. Esta é uma pauta defendida por Barreto e Silva (2015, p. 51):

O corpo ilegítimo, o corpo rebelde, o corpo deformado ou envelhecido, o corpo sexuado e o corpo político vão reconfigurar as opções e buscar legitimidade no

sistema da moda, tanto por não ser possível mais a nostalgia da originalidade quanto porque é assim que se amplia a noção de pessoa que buscamos, isto é, aquela onde os corpos inconformes têm importância. Nenhuma narrativa da aparência é neutra, muito menos sem substância, mas algumas são mais normativas do que outras e, por isso, sua legibilidade é tão comum que se torna invisível. Invisível no sentido de naturalizado. Se toda norma aspira a ser considerada natural, ou seja, alçada à ideia de que é normal, sua invisibilidade se dá na medida em que ela neutraliza a potência dos corpos. Aqueles corpos que ferem essa suposta naturalidade são, por outro lado, invisibilizados no sentido

de que só servem para marcar a diferença ou a anormalidade. Buscar a legitimidade desses corpos é também tornar visíveis os corpos “normais”, demonstrar que eles também se constroem a partir da arbitrariedade.

Logo, o corpo não é somente um cabide e a moda não é só uma roupa. A identidade das pedagogas em formação, revelada através de seu *look*, torna-se um instrumento político-pedagógico que reverbera no coletivo.

**3 A UFPE E O CENTRO DE EDUCAÇÃO: POSSÍVEIS LOCAIS FAVORÁVEIS PARA O FORTALECIMENTO DO POSICIONAMENTO POLÍTICO DAS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA**

Como é possível observar a universidade pública como um espaço acolhedor às diferenças se historicamente ela foi designada como um local reservado para poucos privilegiados, símbolo da divisão da educação para o trabalho intelectual e para os meios

de produção? Decerto que as políticas públicas de ações afirmativas e de expansão universitária que vigoraram no país nos últimos anos modificaram o público presente neste cenário, principalmente em termos étnicos-raciais e de classes menos abastadas.

Conforme Munanga (2001, p. 31), utilizado na obra de Racoski e Silva (2020, p. 5-6), as ações afirmativas: “[...] visam oferecer aos grupos discriminados e excluídos um tratamento diferenciado para compensar as desvantagens devidas à sua situação de vítimas do racismo e de outras formas de discriminação”.

Entretanto, ainda nos dias atuais, as consequências do processo de constituição elitistas do âmbito universitário são visíveis e latentes na sociedade. O que denota mais uma sequela gravíssima da formação do Brasil, enraizada no colonialismo. De acordo com Racoski e Silva (2020, p. 5), as medidas reparatórias para alterar esta conjuntura foram

iniciadas tardiamente:

A partir do início da década de 1990, mesmo com o surgimento de novos discursos sobre os processos de seleção, incorporando valores como a igualdade, a democratização e a liberdade, essa dimensão discursiva foi negada pela própria essência do tipo de seleção promovida num país marcado por desigualdades sociais e econômicas, com deficiência de investimentos na área da educação básica pelo poder público. Somente a partir do ano 2000 é que algumas mudanças nas formas de seleção para ingresso nos cursos superiores públicos começaram a ser experimentadas, com a adoção de ações afirmativas em algumas instituições, que passaram a reservar vagas para segmentos sociais historicamente excluídos desse nível de ensino.

Assim sendo, durante muito tempo foi mantida a ideia de que o compromisso da instituição seria apenas assegurar a transmissão do conhecimento, com primazia técnica para a obtenção de um certificado que serviria de trampolim para alçar uma prestigiosa carreira profissional. Contudo, a composição do setor universitário não é erigida apenas pelas relações conteudistas e de seu público interno. Estas também são uma representação da sociedade, como afirma Bell Hooks (2013, p. 45):

Se examinarmos criticamente o papel tradicional da universidade na busca da verdade e na partilha de conhecimento e informação, ficará claro, infelizmente, que as parcialidades que sustentam e mantêm a supremacia branca, o imperialismo, o sexismo e o racismo distorceram a educação a tal ponto que ela deixou de ser uma prática da liberdade. O clamor pelo reconhecimento da diversidade cultural, por repensar os modos de conhecimento e pela desconstrução das antigas epistemologias, bem como a exigência concomitante de uma transformação das salas de aula, de como ensinamos e do que ensinamos, foram revoluções necessárias — que buscam devolver a vida a uma academia moribunda e corrupta.

Diante disso, é importante enxergá-lo não somente como um espaço desenvolvedor do saber teórico-profissional, mas levar em conta a multiplicidade de saberes disponíveis em seu campo. Para tanto, é necessário que portas sejam abertas e

permaneçam abertas para um público diverso, pois, os sentidos da Educação não são estáticos. Modificaram-se ao longo do tempo de acordo com determinadas concepções socioculturais que foram alvo de várias problematizações de âmbito pedagógico, teórico-epistemológico e crítico-filosófico, que, quando alinhados a princípios democráticos, têm efeitos nas experiências universitárias e substancialmente no curso de Pedagogia.

O próprio estabelecimento do curso de Pedagogia também foi e é alvo de estig-

mas que lamentavelmente perpassam o binarismo, o machismo e o cissexismo. Ao traçar considerações a respeito do gênero na docência, Louro (2003) debate como o curso foi sendo formado majoritariamente por mulheres. E o arranjo desse movimento ocorreu de acordo com o imaginário social da identidade feminina, bem como os estereótipos de profissionalização para mulheres, que deveriam possuir a função semelhante à de cuidadoras e/ou mães.

A autora nomeia esse fenômeno como *Feminização do Magistério* e uma pesquisa realizada pelo IDados (2015), através do cruzamento de dados do Censo da Educação Superior, do Enade e da Prova Brasil, pode ser utilizada para afirmar que ele ainda é presente nos tempos atuais. Segundo a pesquisa, as mulheres correspondiam a 93% das matrículas efetuadas no curso de Pedagogia nas IES públicas e privadas de todo o país. Vale ressaltar que não foram encontradas informações sobre os recortes étnicos-raciais, e tampouco de problematizações em torno de configurações cissexistas no fornecimento de dados referentes à pesquisa supracitada.

Por isso, problematizar sobre o enquadramento da identidade do que é ser mulher no curso de Pedagogia é enfatizar a singularidade das estudantes e profissionais, bem como suas escolhas, inclusive, nas vestimentas. É um marco nas contestações a respeito dos sentidos educacionais e um caminho para a legitimação de sua historicidade.

A possibilidade de politização no cenário acadêmico acontece porque é um espaço dinâmico, um organismo vivo. Tratando-se especificamente do Centro de Educação (CE), é possível observá-lo como um âmbito de símbolo da resistência. Sim, pois, mesmo diante da falta de acolhimento das instituições públicas para com a diversidade, é perceptível a presença de grupos sociais e pessoas que contrariam padrões, como, por exemplo, membros da comunidade LGBTQIA+, pessoas negras, indígenas, imigrantes de diferentes nacionalidades, pessoas com deficiência, entre outros. Portanto, é inegável que o espaço é uma passarela da vida real, o que leva a aprofundar o debate a respeito da imagem de moda que essas pessoas revelam.

Com isso, o recinto pode ser enxergado como propício para libertações e para tomadas de consciência, de decisões a respeito de si e de sua visão de mundo. A entrada na universidade é marcante não somente por marcar o início de uma nova etapa da vida e

de uma suposta realização profissional, mas também pelas diversas questões que envolvem a dialética das identidades assumidas no espaço acadêmico. De acordo com os apontamentos de Bell Hooks (2013, p. 273):

A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um

ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade.

Vale salientar que a afirmação do posicionamento político na vida e nos modos de se vestir pode ocorrer em qualquer tempo e espaço. Entretanto, falar da politização na Universidade e apresentá-la como um local favorável para esta é um ato libertário. É evidenciá-la como unidade de potência crítico-criativa!

**4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO**

Devido à pandemia de COVID-19 e o período suplementar executado através do ensino remoto, algumas alterações foram promovidas na metodologia desta pesquisa. Assim sendo, houve uma diminuição no número de entrevistadas. Seriam dez (10) e este número foi reduzido pela metade. Esta modificação trouxe algumas consequências que afetaram os requisitos para a participação na pesquisa: a primeira é de que as estudantes deveriam estar cursando entre o 6° (sexto) e 10° (décimo) período. Entretanto, todas as cinco (5) que aceitaram fazer parte deste projeto estão cursando o 9° (nono) e 10° (décimo) período. A segunda é que não havia questão etária definida para o público-alvo, porém, a média de idade destas cinco (5) discentes é de 23 (vinte e três) a 29 (vinte e nove) anos.

Para preservar a integridade física de todas as envolvidas no projeto de pesquisa, foram realizadas entrevistas à distância, de maneira individual. Houveram quatro (4) reuniões via chamada de vídeo no *Google Meet*, que foram gravadas. Uma (1) entrevista foi realizada através de trocas de mensagens de áudio via *WhatsApp*, devido a razões pessoais de uma das entrevistadas.

A pesquisa seguiu fundamentos éticos pautados de acordo com as recomendações da Autodeclaração de Princípios e de Procedimentos Éticos na Pesquisa em Educação, de autoria de Mainardes e Carvalho (2019), que consta no Documento

*Ética e Pesquisa na Educação: subsídios*, publicado pela ANPEd (2019). Os parâmetros éticos foram validados mediante as seguintes especificidades: As questões foram elaboradas com extrema sensibilidade, com o intuito de evitar quaisquer constrangimentos ou danos para as entrevistadas. Todas aceitaram conceder entrevistas

de livre e espontânea vontade, cientes de que poderiam deixar de responder as perguntas a qualquer momento. Além disso, as identidades das participantes foram mantidas sob sigilo. Elas tiveram os seus nomes preservados, e neste artigo são identificadas pela combinação da letra E (entrevistada) + o número de ordem de acontecimento dos diálogos. As gravações dos materiais foram previamente autorizadas por elas e não houve compartilhamento com terceiros. Vale ressaltar que a transcrição e posterior análise dos dados foram realizadas de acordo com o princípio de fidedignidade mediante as respostas fornecidas pelas participantes.

**4.1 Pesquisa qualitativa**

Diante do tema *A relação da moda com a identidade e o posicionamento político das estudantes do Curso de Pedagogia do Centro de Educação (CE) da UFPE campus Recife*, da questão de pesquisa, do objetivo geral e dos objetivos específicos, a pesquisa qualitativa foi eleita como cerne da disposição metodológica do projeto por contemplar a magnitude do público-alvo. De acordo com Minayo (2002, p. 21- 22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Sendo assim, a pesquisa qualitativa dá ênfase à valorização dos pontos de vistas expostos pelas discentes e permite que diversas narrativas, opiniões e vivências sejam legitimadas e acompanhadas em tempo real. Este tipo de pesquisa propõe reflexões sobre como empreender novas formas de pensar a Educação, de como fazê-la, ou conjecturar ideias educacionais a partir de elementos que não sejam tidos como convencionais.

Por conseguinte, a entrevista de cunho qualitativo foi a alternativa de coleta de dados mais apropriada para esta pesquisa. Neto (2002) evidencia que a entrevista é imprescindível para a compreensão da realidade das participantes da pesquisa. Isto posto, as perguntas realizadas neste trabalho foram elaboradas em articulação com cada um dos objetivos específicos. A entrevista contou com um roteiro estruturado com quatro (4) questões subjetivas.

4.1.1 Análise hermenêutico-dialética

A análise do material obtido foi efetivada com o apoio do método hermenêutico-dialético, proposto pela autora Cecília de Souza Minayo (1992). Neste projeto é destacada a profundidade discursiva e representativa da moda, bem como os desvelamentos que ela pode vir a proporcionar. De acordo com Stein (1987), que é abordado na obra de Cardoso, Batista dos Santos e Alloufa (2015, p. 82):

A técnica de análise hermenêutico-dialética preserva da hermenêutica a possibilidade de interpretação dos sentidos que os sujeitos elaboram em seus discursos, e se combina à compreensão de tais sentidos face às contradições que os constituem, e ao seu contexto social e histórico, por meio da lógica dialética.

Por isso, além de considerar os elementos verbais, textuais, imagéticos e artísticos

que fazem parte da vida de um ser, a análise hermenêutico-dialética também considera as transformações do público-alvo da pesquisa. Ela está intimamente ligada ao propósito do projeto de salientar a moda como uma possibilidade de linguagem, atrelada às mudanças que acontecem na vida das estudantes de Pedagogia do Centro de Educação (CE), UFPE, *campus* Recife.

De acordo com Minayo (1992), conforme citada por Gomes (2002, p. 78), na etapa de **Classificação de dados**, destacam-se as categorias de análise. No caso deste trabalho,

as categorias foram evidenciadas desde o princípio. Entretanto, ganharam ainda mais força após a elaboração das perguntas e da obtenção das respostas das entrevistadas. São elas: 1. A roupa e o *modus vivendi*; 2. A universidade no pensar e no vestir; 3. O ser, parecer e estar: cruzamentos entre moda e identidade; 4. Moda e política: vestir para transgredir.

**5 ANÁLISE DOS DADOS**

**5.1 A roupa e o *modus vivendi***

Nas respostas para a primeira pergunta, **Na sua vida existe ou existiu alguma influência, seja religiosa, política, familiar, midiática, de vínculo empregatício ou de qualquer outra natureza, que afetou o seu modo de vestir e/ou de se relacionar com a moda? Se sim, como você se sentiu ou se sente perante essas influências?** A influência das religiões do Cristianismo foi o ponto de maior destaque na fala das participantes. Três delas, E1, E3 e E4 apontaram que o modo como se vestiam passava pela concepção religiosa do que é ser uma **mulher correta**, **uma mulher de Deus**, o que significava nunca utilizar peças curtas ou decotadas. Entretanto, a participante E3 evidenciou que no cerne de sua formação religiosa anterior, usar calças não era uma atitude vista com bons olhos pela comunidade que fazia parte dessa religião.

Já a participante E2 abordou a questão das roupas curtas diante do ponto de vista

da sociedade machista, que legitima a cultura do estupro e culpabiliza as mulheres. Estas respostas revelaram uma questão paradoxal na moda; sim, os sentidos da moda estão no cerne da vestimenta que cobre o corpo. Entretanto, a vestimenta que desvenda, ao invés

de ocultar, também está arraigada de significados que conjecturam o imaginário social da mulher na sociedade. Portanto, o vestir-se para revelar-se também é um ato político!

Embora não tenha mencionado alguma instituição religiosa na sua formação pessoal, a participante E2 afirmou que o fato de ter atuado como estagiária num colégio confessional a fez cogitar usar roupas de mangas longas e a controlar o volume do seu cabelo. Assim como ela, a E1 também relatou dificuldades envolvendo o seu cabelo e os

seus acessórios, que eram considerados grandes demais para o trabalho numa escola.

Ambas exteriorizaram uma informação preocupante a respeito das relações étnico-raciais no ambiente escolar: a invisibilização de profissionais que se autodeclaram negras e buscam legitimar a negritude ressaltando as características físicas do seu povo

ou quando se fazem visíveis no espaço através de adornos, por exemplo. Essas sugestões de camuflagem não afetam somente a identidade pessoal, mas também a identidade político-cultural, pois a escola é vista como desagregadora da representatividade negra.

No tocante às relações étnico-raciais, mas dessa vez com o enfoque midiático, outro ponto relevante para a pesquisa é a relação de E1 e E3 com as imagens de moda, bem como sua estetização e publicização. Ambas reconheceram a influência dos meios de comunicação de massa. Todavia, E3 não se sentiu afetada negativamente por ela, pois afirmou que vai atrás das informações que a mídia fornece para o seu estilo de vestir, enquanto E1 não se sentiu representada nos campos midiáticos. As autoras Braga, Magalhães e Schemes (2018) afirmam que no meio publicitário, a invisibilização da mulher negra também é um problema latente. Portanto, as tentativas de embranquecimento que as estagiárias sofreram no ambiente escolar também são um reflexo de sua exclusão nos meios de comunicação de massa.

Outro ponto que esteve presente nas respostas de quatro entrevistadas, E1, E3, E4 e E5, foram as imposições familiares. Louro (2008, p. 19) aponta a sacralização da família na construção de paradigmas que afetam as individualidades. Não por acaso, E1, E4 e E5 citaram a figura materna como principal agente de exigências. Em alguns casos, as regulações familiares apareceram associadas à religião, como, por exemplo, nas respostas de E1, E3 e E4.

5.1.1. A universidade no pensar e no vestir

Na pergunta, **O seu estilo, sua maneira de vestir ou de se enxergar mudou depois de sua entrada e/ou permanência na Universidade? Estas mudanças acompanharam as alterações no seu modo de pensar e agir?** As participantes E1, E2, E4 e E5 afirmaram que a entrada e a permanência na UFPE promoveu alterações nas suas visões de mundo, bem como nos seus modos de vestir. Todas elas apontaram que a universidade pública é um âmbito favorável para legitimação da identidade e para o despojamento de estigmas, o que, de acordo com bell hooks (2013), deve ser o verdadeiro papel da Instituição. E1 e E2 ressaltaram que o recinto acadêmico possibilitou o contato com diferentes pessoas e diferentes temáticas. Para E1 a questão do tornar-se negra veio junto com a sua entrada e permanência no Ensino Superior. Sua fala tinha um caráter denunciativo: escancarou a ausência de tópicos étnico-raciais na Educação Básica brasileira e como isso impactou a sua vida no âmbito intrapessoal e interpessoal. Conforme Muller (2008, p. 25), apontada no artigo de Racoski e Silva (2020, p. 3):

[…] a ideologia racista inculcada nas pessoas e nas instituições leva à produção, nas sucessões das gerações e ao longo do ciclo da vida individual, do confinamento dos negros aos escalões inferiores da estrutura social por intermédio de discriminações de ordens distintas: explícitas ou veladas quer sejam institucionais quer sejam individuais, as quais representam acúmulos de desvantagens para os negros.

Portanto, as escolas também são constituídas sob o ponto de vista de uma igualdade falaciosa que protege a branquitude. Assim, faz-se necessário conjecturar movimentos de aquilombamento nas esferas formais, não-formais e informais de educação.

A participante E2 apontou que o ingresso na universidade foi fundamental para a desconstrução de ideias machistas e a sua decisão de deixar de usar o sutiã, que, segundo ela, serve para uniformizar os corpos e lhe causa grande desconforto. Tanto E1 quanto E2 deram ênfase ao fato de que a conscientização política não ocorreu somente nas salas de aula, mas também em outros espaços do *campus* e do Centro de Educação (CE), como o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), evidenciado por E1 e que está localizado no Centro de Educação.

Além disso, nas respostas de E1 e E2 foi possível constatar que mesmo que a Universidade pública ainda não seja um espaço totalmente acessível para todos e todas,

ambas observaram a Universidade Federal de Pernambuco como um local acolhedor à

expressão da identidade ao falarem sobre o uso do turbante. Elas classificaram a UFPE

como um lugar seguro para o uso da peça, pois lá permaneciam longe de olhares e falas

racistas. De acordo com Silva (2007), citado por Braga, Magalhães e Schemes (2018, p. 158), o racismo e a intolerância religiosa são motivos que fazem com que o turbante tenha se tornado uma peça tão desqualificada por terceiros:

Dessa maneira, não há dúvida de que a peça tem uma íntima relação cultural aqui no Brasil, marcando a ancestralidade do povo africano e sendo utilizado até hoje nos rituais religiosos. Nesse sentido, a peça também causa preconceitos, como é o caso relatado por Silva (2007), que afirma que qualquer traço de herança africana ou que aluda às religiões afro-brasileiras é estigmatizado e combatido no meio social por algumas pessoas que não aceitam religiões fora da «normativa».

Por conseguinte, é imprescindível que os debates perante a aceitação das diversidades não sejam restritos apenas à comunidade acadêmica. É preciso educar contra a marginalização de grupos sociais e religiosos. Todos os lugares têm de ser seguros para a representatividade, principalmente através de elementos visuais.

A participante E1 assegurou que sua conexão com a ancestralidade se deu através das roupas. Citou o uso de estampas de países africanos, um elemento visual marcante, que carrega as belezas das africanidades e as forças dos ancestrais, como apresentado por Maia (2019).

Ainda no campo da expressão da negritude, E1 e E5 salientaram que o território

universitário foi fundamental para que elas pudessem vencer a timidez e isso reverberou na aparência ao demonstrarem afinidades com roupas estampadas e coloridas. No caso das entrevistadas, a roupa traduziu a quebra da passividade nas relações cotidianas. Pois utilizavam roupas *clean* **para se esconder**. Mais um indício do silenciamento da voz e do na vida das participantes que se autodeclararam negras.

*5.1.1.1 O ser, parecer e estar: cruzamentos entre moda e identidade*

Na terceira pergunta, **Você acha que as roupas que veste, os acessórios e o estilo de cabelo representam quem você é atualmente?**, as participantesE1, E2, E3, E4 e E5 confirmaram que a moda pode ser utilizada como linguagem para a expressão da identidade e o seu “eu atual”. Todas demonstraram ter consciência das alterações de suas identidades, afirmaram que sofreram modificações internamente e externamente,

que foram influenciadas por várias referências de moda. Entretanto, também influenciaram o estilo de outras pessoas ao seu redor. O que, conforme Hall (2006), reitera a concepção do indivíduo pós-moderno.

E1, E2, E3 e E4, E5 relacionaram a expressão da identidade através da moda como uma ferramenta de aceitação do próprio corpo. De acordo com Barreto e Silva (2015, p. 41), “Uma das principais formas sociais de afirmação identitária é a aparência e por meio do vestuário e da moda reproduzimos formas estereotipadas de representação das identidades ou subvertemos essas mesmas normas arbitrárias”. Para as entrevistadas, o horizonte identitário da moda é observado quando há um processo de ruptura de paradigmas do passado. Elas reconheceram que a mesma moda que ajuda a erguer padrões também os faz ruir. Porém, esse processo pode não simbolizar uma ruptura total, já que, mediante às inseguranças e às forças ocasionais, ocorre uma espécie de conciliação entre passado e futuro, conforme apresentado por Mota (2008). E2 relatou que, apesar de não gostar e evitar ao máximo usar sutiã, utiliza-o para ir ao trabalho. Novamente, o âmbito de trabalho foi apresentado como um local onde é necessário seguir regras e realizar concessões. Além disso, na resposta da participante E2, foi perceptível que a família interfere na escolha do *look*, mesmo que não seja de uma maneira repressora ou negativa.

Já a E3 não citou especificamente algo, mas admitiu que representar a sua identidade através da Moda não é uma construção só sua, embora tenha feito questão de salientar o seu poder de interferência na administração das suas informações de moda. Conforme Lipovetsky (1989), mencionado por Mesquita (2004, p. 20), “a ambiguidade da Moda está no fato que se propõe a padronização do vestir e, ao mesmo tempo, agentes de diferenciação e instrumentos de individuação”. Assim sendo, nas relações entre as vestimentas e a contemporaneidade, o ser humano, ao mesmo tempo que projeta a sua individualidade através de um *look*, também busca fazer parte de um coletivo.

Outras participantes também expuseram suas referências e consensos sociais, contaram a respeito de seus mecanismos de diferenciação: E1 buscou firmar uma estética pautada no princípio da ancestralidade. E4 e E5 certificaram a busca pelo conforto por

meio das roupas, mas estabeleceram que o uso de acessórios é fundamental.

A mutabilidade de estilos na era pós-moderna é profunda e é erigida por meio de

conflitos de identificações e o vestuário também é um território de embates. Segundo Mota (2008, p. 28), “A roupa é um dos elementos constituintes desses processos sociais, possibilitando o alívio da angústia do sujeito que quer se aproximar e se mostrar do modo como está escolhendo ser”.

E1, E2 e E5 apontaram os cabelos cacheados e crespos como parte de uma autenticação identitária. É preciso salientar que, hoje em dia, o cabelo cacheado ou crespo é alvo da Moda por atrair as atenções do mercado. Entretanto, os fios não devem ser observados como uma simples tendência. O alisamento dos fios foi popularizado como um ideal de beleza eurocêntrica, como apontam Fernandes e Souza (2016, p. 109), citados por Braga, Magalhães e Schemes (2018, p. 161).

Por fim, todas as entrevistadas, E1, E2, E3, E4 e E5, reforçaram a ideia de que as identidades que assumiram um dia, ou assumem nos dias atuais, vão sempre em direção ao prazer do conforto, seja interno ou externo, no corpo ou na alma.

5.1.1.1.1 Moda e política: vestir para transgredir

Na última pergunta, **Na sua opinião, as roupas que você veste, os acessórios e seu estilo de cabelo se relacionam com o seu posicionamento político e sua concepção de mundo?**, E1, E2, E3, E4 e E5 concordaram que a moda é uma maneira de exercer o posicionamento político. Porém, apresentaram variadas formas de exibir suas lutas. E1 e

E5 trouxeram, nesta questão, a luta étnico-racial como a principal demonstração de politização na moda. Maia (2019, p. 147) aponta que “Os movimentos negros atuais buscam, por meio da moda, expressar sua afiliação ao grupo étnico afro-brasileiro como uma resão racismo que impera no país [...]”. Assim sendo, as participantes relembraram a importância do significado das vestimentas que acolhem o corpo de pessoas negras. É uma luta que ultrapassa o individual e legitima a trajetória de milhões de pessoas.

E2 e E5 admitiram o uso da moda como subversão de padrões corporais, indo do

formato dos seios até a circunferência do corpo, respectivamente. O corpo ideal é um negócio próprio da moda, que mudou ao longo do tempo e, até hoje, vítima psicologicamente e fisicamente muitas pessoas, como aponta Mesquita (2004). A ressignificação do corpo, de não buscar mais disfarçá-lo e evitar fazer o uso de recursos que visem à modificação das formas através da ilusão de óptica da roupa sobre o tronco, é extremamente representativa, tendo em vista a diversidade destes.

A participante E3 tratou a respeito dos estigmas presentes no imaginário social da identidade LGBTQIA+. O fato de se afirmar publicamente como lésbica demarca o seu posicionamento político. Ela afirmou que as pessoas ficam surpresas ao saber de sua orientação sexual, pois a consideram **feminina demais**. Durante a entrevista, E3 defendeu que quando se trata de gênero e sexualidade não há um enquadramento ou maneira correta de vestir-se, apresentar-se. A sua resposta escancarou o fato de que desafiar estereótipos é impreterível para sanar as lacunas de informações que a sociedade possui a respeito do gênero e das sexualidades. Segundo Louro (2003, p. 27):

O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre *construídas*, elas não são

dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida.

Assim sendo, a autora Guacira Lopes Louro (2003, p. 27) aborda um equívoco que muitas vezes está presente no senso comum: a imagem da lésbica “masculinizada”, tida como um modelo único e principal distintivo da sexualidade. Vale ressaltar que a diversidade do vestir de todas aquelas que desafiam engendramentos em torno do padrão de heteronormatividade deve ser respeitada.

E3, E4 e E5 apresentaram a questão do consumo consciente como articulação entre posicionamento político e moda. Segundo a coluna Fashion Revolution (2019):

Pensar sobre o modelo de produção em que as roupas são feitas também é uma

demonstração do que acreditamos através da roupa. Toda a cadeia de produção, desde à fibra, tingimento, costura e logística gera impacto: produtos químicos escoados na natureza sem a menor preocupação com a preservação dos ecossistemas, trabalhadores infectados pelos químicos que utilizam em suas tarefas têm sua saúde ameaçada e como se não bastassem essas condições, são

fragilizados em um sistema trabalhista muitas vezes desumano.

A E3 focou nos meios de produção e exploração do trabalho e abordou o quanto esse movimento é recente na sua vida. Já a E4 também deu ênfase à questão ambiental e trouxe a moda como mecanismo de fortalecimento da cultura e da economia local. A E5 apontou que, mesmo a principal causa de ter optado por um modelo de compra mais consciente foi a vida financeira, investiu nos brechós, que se tornaram alternativas sustentáveis por diminuir a produção de resíduos que alimentam a indústria têxtil.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este é um trabalho que não se esgota, não possui um final propriamente dito. Afinal, as relações das estudantes do curso de Pedagogia do Centro de Educação (CE) da UFPE, *campus* Recife, são construídas e desconstruídas cotidianamente. Quantas feridas físicas e psicológicas uma roupa pode esconder ou revelar? Inúmeras. No entanto, essa mesma peça de roupa pode ser um ponto favorável para a cicatrização dessas feridas, ao passo que as identidades e os posicionamentos políticos são evidenciados.

Por isso, unir Moda e Pedagogia é necessário. A moda possui um legado educacional, contribui para o campo pedagógico ao desvencilhar as ideias em torno da neutralidade. Portanto, o seu viés político é também uma forma de educar. Por exemplo, imagine uma professora negra, militante do Feminismo Negro, inspirar uma aluna preta através do seu turbante, do seu *look* ou do seu cabelo. Quantas crianças irão aprender a se amar como são, num mundo tão racista e marcado por tentativas de embranquecimento?

Agora, imagine uma professora transfeminista, desafiar as armadilhas que envolvem estigmas arraigados à cisgeneridade e, através do seu *look*, mostrar à classe escolar que o respeito às pessoas trans e travestis deve imperar em qualquer sentido, principalmente no Brasil, que, segundo dados coletados pela ANTRA, Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2020), é o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo. Quantas crianças, que não se identificam com o gênero atribuído no seu nascimento, ela pode vir a inspirar?

Quantas professoras lésbicas podem desconstruir os padrões de heteronormatividade, bem como os estereótipos a respeito de movimentos liderados por lésbicas, por meio de seu estilo de vestir? Quantas professoras podem assegurar para as meninas que fazem parte da sua classe que elas não devem ser demonizadas ou culpabilizadas pelo uso de determinadas peças de roupa? Imaginou?

Ademais, há outras lutas que são legitimadas por intermédio da união entre moda, posicionamento político e representatividade, que podem perpassar as trajetórias das profissionais da Educação. Como, a luta contra o capacitismo, contra a gordofobia e contra o etarismo. Conseguiu dimensionar o poder da imagem de Moda e dos corpos que comunicam significados políticos?

Portanto, através da legitimação de narrativas, roupas evidenciam tecidos e Histórias: este trabalho é uma homenagem para todas aquelas que se reconstroem cada vez que põem suas roupas, olham-se no espelho para sair de casa e vão à luta por uma sociedade democrática, em tempos tão sombrios para a Democracia. Este trabalho teve o compromisso de legitimar e exaltar as estudantes do curso de Pedagogia, especificamente do Centro de Educação (CE), *campus* Recife, da Universidade Federal de Pernambuco.

**REFERÊNCIAS**

AFONSO, NATHÁLIA. Dia da Consciência Negra: números expõem desigualdade racial no Brasil. **Folha de São Paulo/Agência Lupa**, Rio de Janeiro, 20 de nov. de 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

ANPED. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. **Ética e pesquisa em educação**: subsídios.Rio de Janeiro:ANPEd, 2019.

BARRETO, Carol; DA SILVA, Leandro Soares. Moda: aspectos discursivos da aparência. **Revista Ideação**, v. 1, n. 31, p. 39-57, jan./jun. 2015.

BRAGA, Larissa Adams; MAGALHÃES, Magna Lima; SCHEMES, Claudia. Quando a moda é política: as mulheres negras e a Revista Afro Brasil. **Ex aequo**, n. 38, p. 149-166, 2018.

CARDOSO, Monique Fonseca; BATISTA-DOS-SANTOS, Ana Cristina; ALLOUFA, Jomária

Mata de Lima. Sujeito, Linguagem, Ideologia, Mundo: Técnica Hermenêutico-dialética para Análise de Dados Qualitativos de Estudos Críticos em Administração. **Revista de Administração FACES Journal Belo Horizonte**, v. 14, n. 2, p. 74-93, abr./jun. 2015.

CIDREIRA, Renata Pitombo. Moda: etimologia e História. *In:* CIDREIRA*,* Renata Pitombo. **Os sentidos da moda.** 1. ed. São Paulo:Annablume, 2005.

FASHION REVOLUTION. Vestir é político: a moda e seus símbolos. **Carta Capital,** S.I., 14 fev. 2019.Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/vestir-e-politico-a-moda-e-seus-simbolos/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

GOMES, Romeu. A análise de dados em Pesquisa Qualitativa. In:MINAYO*,* Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social, teoria, método e criatividade.** 21. ed. Petropólis: Vozes, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 1 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, mai./ago. 2008.

MAIA, Dandara. O vestir político: as estampas wax hollandais como ferramentas de afirmação da identidade afro-brasileira. **dObra [s]–revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, v. 12, n. 25, p. 144-163, abr. 2019.

MAINARDES, Jefferson; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa em Educação. ANPEd–Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Ética e Pesquisa em Educação. **Subsídios**, v. 1, p. 129-132, 2019.

MESQUITA, Cristiane. **Moda contemporânea**: quatro ou cinco conexões possíveis. Editora Anhembi Morumbi, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 1 ed. São Paulo-Rio de Janeiro. HUCITEC-ABRASCO, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. *In:* MINAYO*,* Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social, teoria, método e criatividade.** 21. ed. Petropólis: Vozes, 2002.

MORENO, Ana Carolina. Dia das Professoras: Nove em cada dez estudantes de pedagogia são mulheres e maioria faz curso a distância. **G1**, 15 de out. de 2017. Disponível em: [https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/dia-das-professoras-nove-e](https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/dia-das-professoras-nove-em-cada-dez-estudantes-de-pedagogia-sao-mulheres-e-maioria-faz-curso-a-distancia.ghtml)

[m-cada-dez-estudantes-de-pedagogia-sao-mulheres-e-maioria-faz-curso-a-distancia.ghtml](https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/dia-das-professoras-nove-em-cada-dez-estudantes-de-pedagogia-sao-mulheres-e-maioria-faz-curso-a-distancia.ghtml). Acesso em: 01 nov. 2020.

MOTA, Maria Dolores Brito. Moda e Subjetividade: corpo, roupa e aparência em tempos ligeiros. **ModaPalavra e-periódico**, v. 1, n. 2, p. 21-31, ago./dez. 2008.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL, Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo, alerta relatório da sociedade civil entregue ao UNFPA. **Nações Unidas Brasil,** S.I, 03 de fev. 2019. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/110425-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-pessoas-trans-no-mundo-alerta-relatorio-da>. Acesso em: 22 nov. 2021.

NASCIMENTO, Letícia Carolina. **Transfeminismo**. 1 ed. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

NETO, Otávio Cruz. O Trabalho de campo como descoberta e criação. *In:* MINAYO*,* Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social, teoria, método e criatividade.** 21. ed. Petropólis: Vozes, 2002.

RACOSKI, Márcia Maria; DA SILVA, Émerson Neves. O sistema de cotas para ingresso na educação superior pública: qual sua importância e por que pesquisar? **Revista Pedagógica**, v. 22, p. 1-17, 2020.

Enviado em: 24-11-2021

Aceito em: 18-06-2022

Publicado em: 30-06-2022

1. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada no curso Superior de Tecnologia em Design de Moda pela Unicesumar. E-mail: wany.costa@ufpe.br [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Curso de Pedagogia do Centro de Educação (CE), na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: sandra.montenegro@yahoo.com.br [↑](#footnote-ref-2)